

**PRODUZIR TEXTOS É FÁCIL
UMA ABORDAGEM DE EUGENIO COSERIU**

Ana Lúcia Segadas Vianna Abreu
anasvabreu@ig.com.br

INTRODUÇÃO

A partir do resultado negativo que se evidencia ao se analisar o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas, tivemos o interesse em investigar a temática *Produção Textual*.

Teve-se como instrumento de análise vinte redações de alunos de nível médio. A partir dos dados apresentados, resolvemos questionar: *Produzir textos é fácil?* Nosso propósito é mostrar que produzir textos pode ser uma tarefa mais fácil do que parece.

Este trabalho apresenta três estratégias de pré-escrita que são indicadas pelos escritores americanos Max Morenberg e Jeff Summers e os principais questionamentos que podem ser feitos, antes de se iniciar uma produção textual.

Além disso, para compreender melhor o que envolve a linguagem, tivemos como embasamento teórico os ensinamentos do linguista Eugenio Coseriu que apresenta os três planos distintos que estão presentes no ato da fala: o *universal*, o *histórico* e o *individual*.

A pesquisa mostra o estudo de três redações e discrimina as reais dificuldades dos alunos, apresentando, de forma minuciosa, os três saberes: o *elocucional*, o *idiomático* e o *expressivo* que, simultaneamente, destacam-se nas produções dos estudantes.

Já que muito professores atribuem conceito negativo para as redações de seus alunos, buscamos responder a questão: “Por que os textos são ruins?” Aliás, será que são realmente ruins? Ou há uma análise errônea dos professores, por conseguinte, uma atribuição de conceitos inadequados, aos textos de seus alunos?

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1. Um problema real: o baixo nível de ensino de língua portuguesa, nas escolas públicas

O jornal “O Globo”, em dezoito de fevereiro de 2009, no artigo “Pesquisa: Brasil longe das metas de educação” de Demétrio Weber, publicou os resultados da Prova Brasil, teste de leitura e matemática aplicado pelo Ministério da Educação, na rede pública. Segundo o artigo, “Em 22 das 27 capitais brasileiras, incluindo Brasília, os alunos de escolas públicas não atingiram as metas de aprendizagem de língua portuguesa na 4ª série do ensino fundamental”. O jornal ainda relatou que “Em 2005, 33,05% dos alunos demonstraram nível de conhecimento de português adequado à série. Em 2007 o percentual caiu para 29,07%. A meta era de 35,46%”. O artigo também ressalta que na 8ª série do ensino fundamental, a proporção de alunos com aprendizagem adequada é menor.

2. Produzir textos é fácil?

Se perguntássemos aos estudantes se produzir textos é fácil, provavelmente, eles responderiam que redigir é difícil. Entretanto, para mudar esse ponto de vista é imprescindível que os alunos internalizem alguns conceitos acerca dessa temática.

Por exemplo, escrever se aprende lendo e escrevendo. Além disso, o hábito de formular perguntas é fundamental. Assim, se questionarmos alguém acerca de um tema e esta pessoa não puder nos responder, temos que ir adiante e, através de diferentes meios, procurar as respostas para nossas dúvidas. Na verdade, as funções: leitor, escritor e investigador devem estar presentes, na vida de todo indivíduo.

Segundo Garcia (1978, p. 291), escreve realmente mal o estudante que não tem o que dizer porque não aprendeu a organizar seu pensamento. Assim, mesmo que o aluno apresente um bom vocabulário e saiba um pouco de gramática, faltam-lhe meios de disciplinar seu raciocínio.

Deste modo, atrevo-me a dizer que escrever não é difícil. Escrever é o encontro da técnica com as ideias. É com sapiência que o poeta chileno Pablo Neruda, na revista *Redação*, (2008, p.66) afirma

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

“Escrever é fácil: você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias”.

2.1. Estratégias de pré-escrita

Morenberg e Sommers (1998, p.3-9) classificam três estratégias de pré-escrita: lista, escrita livre e a do repórter.

A estratégia *Lista* trata-se de escrever rápido e sem parar. O aluno deve listar, no mínimo dez tópicos e depois selecionar aqueles que não gostaria de escrever. Assim, o assunto escolhido, provavelmente, será interessante. Ele deverá pesquisar o tema em livros, jornais, revistas, internet, pessoas etc. Em seguida, fazer uma lista acerca do que ele já se informou para não esquecer dados importantes.

Já a *Escrita Livre* é o ato de escrever sem parar em um período entre cinco e dez minutos, até preencher uma ou duas páginas. É importante que se escreva o mais rápido possível e não corrigir porque o aluno não deve se preocupar com ortografia ou pontuação, já que a meta é gerar novas ideias. Também não se deve fugir do tópico. Por último, o aluno deve ler suas anotações e separar o que realmente é relevante.

A terceira estratégia é a *Fórmula do Repórter*. Durante sete minutos o estudante deve perguntar: Quem? O que? Onde? Quando? Por quê? Como? E escrever suas respostas.

Essas estratégias são usadas para descobrir novas concepções.

Mas para se compreender melhor as dificuldades dos alunos é preciso que se detecte, realmente, em qual ponto ele precisa de ajuda. Por exemplo, seu problema pode não ser com o conteúdo a ser relatado, mas sim com o registro desse conteúdo. Então a direção a ser tomada será outra.

2.2. Como redigir?

A técnica de redação a ser usada vai depender do gênero textual, ou seja, das diferentes formas de expressão textual a ser esco-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lhido. Cada gênero tem características peculiares. Deste modo, o nível de linguagem exigido pode ser formal ou informal.

Primeiramente, deve-se questionar: – Quem é o meu leitor? – O que vou transmitir? – Minhas ideias são suficientes ou devo pesquisar? – Qual é o meu propósito? – Conheço as características pertinentes aos modos narrativo, descritivo e dissertativo? – Qual é o gênero textual mais adequado para atingir o meu propósito? – Conheço a estrutura da língua suficiente para redigir um texto?

Compreende-se que quando o aluno reflete essas questões, ele dá relevância aos três níveis de linguagem que estão presentes no ato da fala, ou seja, universal, histórico e individual.

3. Uma lição de Eugênio Coseriu

Segundo Coseriu (1980, p. 93), a linguagem envolve sempre três níveis distintos: *o universal, o histórico e o individual*. O primeiro refere-se ao *saber falar em geral*, ao conhecimento do mundo; o segundo refere-se ao domínio das regras da produção e compreensão de uma determinada língua histórica e o último, o nível individual, refere-se ao saber com propriedade, ao falar em situações determinadas de acordo com as circunstâncias, assim, a linguagem como atividade é o discurso.

Coseriu mostra que a esses três níveis de linguagem correspondem um conteúdo e um saber específico: ao nível universal corresponde a designação e o saber elocucional; ao nível histórico corresponde o significado e o saber idiomático e ao nível individual corresponde o sentido e o saber expressivo. O primeiro é a referência à realidade, o segundo é o conteúdo de um signo ou expressão enquanto dado numa determinada língua e o último, o sentido, é o conteúdo próprio de um texto, o que o texto exprime além e através da designação e do significado.

Partindo do princípio de que os textos apresentam, simultaneamente, esses três níveis, é incompreensível que, nas análises de produções textuais, leve-se em consideração para a correção apenas o nível histórico. Terezinha Bittencourt (2008), em seu artigo, evidencia bem essa ideia:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

É necessário ressaltar que, na atividade concreta da fala, esses conteúdos bem como os saberes que permitem sua manifestação ocorrem sempre juntos, cabendo ao estudioso identificá-los e examiná-los, a fim justamente de que possa perceber suas peculiaridades e, desta forma, intervir com segurança no que de fato constitui as dificuldades dos alunos.

4. Por que o texto é ruim?

Geralmente, ao corrigir textos, os professores caracterizam muitos deles como ruins. Esses profissionais verificam apenas as deficiências do aluno, em seu saber idiomático. Entretanto, a análise deveria estar voltada para os três saberes.

Muitos estudantes mostram bom domínio no saber idiomático, mas deficiências nos outros saberes. Ou então, eles têm ótimas ideias, entretanto, deficiências no saber expressivo ou idiomático. A partir desse impasse, a pergunta é *o que fazer?*

A ideia é que se faça uma análise simultânea dos três saberes e que se discuta com os estudantes as deficiências encontradas para que eles possam revê-las e, conseqüentemente, minimizá-las.

Compreendendo que as turmas são heterogêneas e que os alunos apresentam dificuldades diferentes, os professores deveriam, em lugar de recriminar as produções textuais de seus aprendizes, elogiá-los, mostrando-lhes os seus desempenhos nos outros saberes. E, é claro, apresentar meios para sanar suas reais dificuldades.

5. Análise de redações

Objetivando verificar as principais deficiências encontradas em redações, foi feita uma pesquisa a partir de vinte trabalhos que foram produzidos por alunos do professor de Língua Portuguesa Paulo Freitas, que atua na instituição FATEF – Faculdade Aplicada de Teologia e Filosofia localizada na cidade de São Gonçalo. O curso é de nível médio e é dividido em módulos. Os estudantes estão cursando o primeiro módulo que é referente ao ensino da Língua Portuguesa. É interessante relatar que, após a conclusão deste curso, os alunos ingressam direto para o primeiro período de Teologia.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

As produções textuais apresentaram diferentes deficiências, no que diz respeito aos três níveis de conhecimento. Destas produções, foram selecionadas três para análise.

5.1. Redação1 – entender a proposta é fundamental

O professor Paulo Freitas solicitou que os alunos redigissem uma redação no gênero dissertativo, cujo tema era: *O cidadão brasileiro precisa ser poliglota em sua própria língua*. Muitos alunos obedeceram ao gênero textual, entretanto, alguns demonstraram não conhecer o modelo. Por exemplo, a redação 1 explicita esse problema.

O estudante redigiu sua redação criando um pressuposto: *a diversidade da língua falada* e dois argumentos: *as diferentes colonizações* e *a grande dimensão regional*. Por último, a *conclusão*. Observa-se que o aluno demonstrou possuir um saber elocucional e idiomático muito bom. Entretanto, mostra uma deficiência no saber expressivo. O professor Paulo classificou essa redação como excelente. Neste caso, o conceito deveria estar distribuído entre os três saberes. Ou seja, excelente nos saberes elocucional e idiomático, mas fraco no que diz respeito ao saber expressivo.

Em seguida, o professor deveria explicitar essa falha e ministrar uma aula, especificamente, sobre o gênero dissertativo. Como, por exemplo, uma redação deve apresentar *Introdução*, *Desenvolvimento* e *Conclusão*; os parágrafos, geralmente, são ligados por conectivos e são construídos a partir de uma ideia núcleo que é materializada no tópico frasal; eles devem ser coesivos e coerentes. Além disso, mostrar o quanto é importante fazer uma boa leitura da proposta e do tema. Segundo a professora Maria Thereza Rocco, em entrevista para a revista *Redação* (2008, p. 28), candidatos de vestibular que apresentam redações coerentes, coesas e sem erro da estrutura da língua quando fogem ao tema, simplesmente, não têm sua redação corrigida e recebem a nota zero.

5.2. Redação2 – o texto acadêmico deve ser impessoal e coeso

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A redação 2 recebeu o conceito *bom*. Entretanto, a aluna demonstrou um saber elocucional muito bom. Dissertou acerca das variações que a língua portuguesa sofre no tempo e as mudanças referentes ao sistema ortográfico, também relatou sobre a variação sócio-cultural que separa o letrado do iletrado. Ela abordou o sentido literal de *poliglota* e também fez relação com o termo variação.

Já com relação ao saber expressivo, a aluna apresenta algumas dificuldades, pois quando ela repete o termo *poliglota* seis vezes e a expressão *cidadão brasileiro* cinco vezes, ela demonstra não conhecer que a repetição de termos em excesso não é conveniente em textos dissertativos, mas sim nos textos publicitários, literários e ditados populares. É importante relatar que a repetição é viável nos textos dissertativos já que não afeta a clareza da mensagem, mas isso reflete pobreza em seu saber idiomático, pois a aluna demonstra não conhecer outros recursos de coesão.

A dificuldade no saber expressivo persiste e se evidencia no fragmento *...quando eu digo isso, estou afirmando que ele...*, ela usa o pronome pessoal *eu*, demonstra não saber que um texto acadêmico deve ser impessoal e apresentar a variante formal, a expressão *quando eu digo* é próprio da fala e não da escrita. Além disso, ela cita: *somente os letrados e os grandes homens da nossa literatura*. A aluna usa termos muito genéricos que são inadequados, em um texto dissertativo. É importante que o professor explicita que objetividade é um quesito importante na produção textual.

E com referência ao saber idiomático, verificou-se que ela desconhece as possibilidades de substituição dos termos repetitivos por pronomes e ou sinônimos. Deste modo, estilisticamente, o texto apresentaria uma linguagem mais aprimorada. Além disso, foram observados problemas de pontuação. Todavia casos de pontuação incorreta foram encontrados, na maioria das redações analisadas. Logo, é fundamental que o professor faça uma revisão especial desta temática. E também, o professor deveria fazer referência a este texto e, junto à turma, procurar usar recursos gramaticais e ou lexicais da língua que podem substituir os termos repetitivos.

5.3. Redação3 – as ideias precisam estar bem argumentadas

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

A redação 3 apresenta problemas nos três saberes. A estudante inicia sua produção textual com a seguinte frase: *Esta redação mostra a realidade característica do povo brasileiro*. Em seguida, ela desenvolve outro parágrafo, apresentando deficiência no saber expressivo, já que um texto dissertativo exige que o produtor o inicie de preferência a partir de sua tese, ou seja, da ideia principal sobre o que se pretende argumentar. Ela usa um modelo de introdução não apropriado para a dissertação. Além disso, a estudante demonstra não conhecer a estruturação de um parágrafo. Por exemplo, ela apresenta sua ideia: *A diversidade brasileira leva um mesmo item a ter várias denominações em diversas áreas do país*. Em seguida, em outro parágrafo, exemplifica: *Por exemplo; No Pará macaxeira é a mandioca, em Brasília é o aipim no Rio de Janeiro*. Neste caso, se os exemplos estão ligados à mesma ideia que foi apresentada anteriormente, é importante que eles permaneçam no mesmo parágrafo.

Com relação ao saber elocucional, a aluna demonstra dificuldades, já que ela apresenta apenas duas ideias, que não foram bem argumentadas, referentes à miscigenação do povo brasileiro e a variação linguística regional. O fragmento: *No Pará macaxeira é a mandioca, em Brasília é o aipim no Rio de Janeiro* mostra incoerência, pois, a ideia de que *macaxeira* tem outras denominações em outros estados não está bem clara. É relevante ressaltar que o não conhecimento da estrutura de um parágrafo está voltado para o saber expressivo, mas isso gera deficiência no saber elocucional, já que um parágrafo mal estruturado acaba gerando textos com falta de clareza.

Entretanto, é importante ressaltar que nem todos os parágrafos apresentam esses problemas. O último, *Conclui-se então que as pessoas podem falar a mesma língua com variações de acordo com a região em que vive*, apresenta uma conclusão coerente.

Segundo o professor Luiz Pereira, em sua entrevista para a revista Redação (2008, p. 50), *A obrigação de quem escreve um texto argumentativo é mostrar da forma mais direta possível sua visão sobre um dado assunto*. E Othon Garcia (1978, p. 291) ressalta:

Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar ideias e a concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não provisionou.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

No que diz respeito ao saber idiomático, o texto mostra deficiências no domínio da *concordância* nominal pertinentes à língua formal. A estudante escreveu *raças europeus*, neste caso, segundo as regras gramaticais, a concordância deve ser *raças europeias*. O texto apresenta muitos problemas com a pontuação.

6. Análise do resultado

Ao fim da análise, verificou-se que as três redações apresentam problemas de ordens diversas. A redação¹ evidencia um ótimo desempenho nos saberes idiomático e *elocucional*, entretanto, mostra deficiência no saber expressivo. Já a redação² tem um bom desempenho no saber elocucional ao contrário do saber idiomático e expressivo. E a redação³ apresenta dificuldades nos três saberes, principalmente, no expressivo.

Portanto, é imprescindível que o professor esteja atento ao que realmente é deficitário e ao que realmente precisa ser revisto. Por conseguinte, os alunos necessitam saber de *suas* dificuldades, para futuras correções. Na verdade, seus textos não são ruins, em um panorama geral. Logo, os conceitos referentes às produções dos alunos devem ser mudados.

Segundo o *professor* e linguista Carlos Eduardo Uchôa (2000, p. 69),

O objetivo do ensino da língua: levar o aluno a alcançar a suficiência, a maior conformidade possível com as normas concernentes a cada um dos três níveis do falar. Exige-se assim, que os professores de Português sejam professores de linguagem, não somente de língua, já que, além da meta de capacitarem os alunos ao domínio reflexivo do saber idiomático, devem também se preocupar com a prática dos saberes elocucional e expressivo dos seus educandos...

7. Conclusão

Este trabalho de pesquisa é de grande valor para aquele que tem interesse na temática Produção *Textual* e, também, interesse na aplicação da teoria da linguagem do linguista Eugenio Coseriu.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

De acordo com o resultado da *prova Brasil*, concluímos que, realmente, o ensino de Língua Portuguesa, nas escolas públicas, vai mal. Além disso, após a leitura das vinte redações, percebemos que os estudantes apresentam diferentes dificuldades em seus textos.

Para provar que escrever não é difícil, mostramos a importância do questionamento constante do aluno até alcançar sua resposta. Concluímos que a habilidade de redigir é adquirida com o tempo, já que ela exige muitas leituras e escritas.

Vimos também que o uso das estratégias de pré-escrita: *Lista, Escrita Livre e Fórmula do Repórter* é um excelente caminho para o aluno encontrar e organizar as ideias principais de um tema.

Analisando o tópico: *Como redigir?* Verificamos que ao responder os questionamentos, o aluno pode detectar quais os pontos que ele tem dificuldade.

A análise das três redações foi baseada na teoria de Eugenio Coseriu. Buscou-se avaliar os três saberes: *elocucional, idiomático e expressivo*, já que eles estão presentes, simultaneamente, no ato da fala. O resultado da análise foi satisfatório porque percebemos que muitos professores classificam os textos como ruins quando, na verdade, eles não são, já que o professor tradicional, ao analisar as redações, se volta apenas para o saber idiomático.

Compreendemos que os textos apresentam dificuldades de ordens diversas. Deste modo, classificar um texto como ruim é genérico, pois, devemos especificar em qual saber evidenciam-se as deficiências do aluno e mostrá-la ao estudante, auxiliando a saná-las.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Terezinha. *Reflexões sobre a produção textual* Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/16.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2008

CARNEIRO D, Agostinho. *Texto em construção – Interpretação de texto*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

CEZAR, Marina e BITTENCOURT, Terezinha e BARROS, M. Luiz. *Entre as fronteiras da Linguagem – textos em homenagem ao*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

prof. Carlos Eduardo Falcão Uchoa. 1. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 2006.

COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1980.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

MORENBERG, Max e SOMMERS Jeff, com DAIKER, Donald e KEREK, Andrew. *The Writer's Options – Lessons in Style and Arrangement*. 6 ed., Estados Unidos: Longman, 1999.

O GLOBO – In Pesquisa: Brasil longe das metas de educação, de Demétrio Weber, em 18/2/2009.

REVISTA Língua Portuguesa especial – REDAÇÃO 2008. Edição revista e ampliada. Editora Segmento.

UCHÔA, Carlos Eduardo F. Fundamentos linguísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna. *Confluência*: Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº 19, p. 62-75, 1º semestre de 2000.